



FILOSOFIA

com **Vivianne Catolé**

Hannah Arendt

HANNAH ARENDT

Hannah Arendt nasceu em Linden, na Alemanha, em 14 de outubro de 1906 e morreu em Nova York, em 4 de dezembro de 1975. Ela foi uma filósofa política de origem judaica e uma das pensadoras mais influentes do século XX. Devido à ascensão do nazismo e da perseguição das pessoas de origem judaica na Alemanha a partir de 1933, Hannah Arendt resolveu emigrar. Em 1937 ela perdeu sua nacionalidade e ficou apátrida até 1951, quando se tornou cidadã norte-americana.

TOTALITARISMO

“A dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida” (As Origens do Totalitarismo. Arendt, 1989, p. 375).

As Origens do Totalitarismo, o livro foi publicado em 1951 e nele, Hannah Arendt procura compreender o fenômeno totalitário do século XX.

O totalitarismo é original. Nunca houve algo parecido na história. Arendt, distingue totalitarismo de tirania e ditadura. O regime totalitário nasce da degradação do Estado-nação, do imperialismo e do antisemitismo. Caracteriza-se pela busca incansável por inimigos a serem destruídos, minorias a serem liquidadas pelo simples fato de existirem.

Ex. o nazismo e o comunismo soviético.



Hannah Arendt

CARACTERÍSTICAS

Uma estrutura de poder voltada para uma forma total de dominação. Não se detém diante da tarefa de eliminar populações inteiras, para fazer triunfar ideias e crenças na superioridade de raças e de ideologias.

Os regimes totalitários seguem a lógica de sistemas de dominação que se tornam

das diferenças étnicas e de classe Para Arendt, no entanto, o totalitarismo não se limita ao medo, ao orgulho e à honra; o totalitarismo opera pelo terror. No totalitarismo **o terror é a essência do sistema**. O terror é o instrumento corriqueiro para governar as massas. Volta-se não apenas contra os seus inimigos mas também contra os aliados e correligionários. Sendo assim, o totalitarismo se distingue da ditadura e da tirania. Empregam o terror mesmo contra uma população já subjulgada.

Como resultado dessa radical eficiência, extinguiu-se a espontaneidade dos povos sob o domínio totalitário juntamente com as atividades sociais e políticas, de sorte que a simples esterilidade política, que existia nas burocracias mais antigas, foi seguida de esterilidade total sob o regime totalitário (Arendt, 1989, p. 277).

A BANALIDADE DO MAL

“Eu não sou um monstro que vocês pensam, eu apenas cumpri as leis do meu país”. (Eichmann)

“Eichmann em Jerusalém” é um dos livros mais famosos de Hannah Arendt. É fruto da cobertura jornalística, feita para a revista “New Yorker”, do julgamento do criminoso nazista Adolf Eichmann, sequestrado na Argentina pelo exército israelense e levado ao banco dos réus em 1961. Eichmann foi um dos responsáveis pela chamada “solução final”, a decisão de extermínio meticuloso dos judeus que Hitler adotara em meio da guerra. Alegou em sua defesa que cumpria apenas ordens superiores, irrecusáveis dadas as circunstâncias etc.

Hannah Arendt soube fixar em seu ensaio a “neutralidade” administrativa do relato sobre como deportou seu rebanho humano. Assim, o mal era deslocado do seu lugar de costume. Aqui, o mal se dissipa numa estrutura compartimentada e impessoal onde a crueldade, multiplicada pela eficiência, funciona em regime. A culpa é compartilhada se esvai ao longo de uma rede de conexões, obediências devidas, hábitos adquiridos, insensibilidade burocrática.

“O que leva um ser humano comum a fazer o mal?” – **o ser medíocre**: aquele que não consegue diferenciar o certo x errado.

A reflexão empreendida por Arendt nos leva a considerar que a banalidade do mal se faz presente quando nos comportamos de forma a ignorar os mandamentos morais, a reflexão ética relativa aos direitos humanos, justificando as ações mais terríveis como “brincadeira” ou “trote” ou como “medida necessária para manter a ordem”, ou, ainda, “porque as circunstâncias assim exigiam”, entre outras.



Hannah Arendt em 1935 (Foto: Reprodução/Hannah Arendt Bluecher Literary Trust)

Fonte: Revista Galileu. Disponível em < <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/10/hannah-arendt-3-frases-para-entender-o-pensamento-da-filosofa.html>>. Acesso em 2 maio. 2024.

A CONDIÇÃO HUMANA

Hannah Arendt publica o livro “A condição humana” em 1958, em um contexto marcado pelas consequências sociais do totalitarismo fascista. Trata-se de uma obra de filosofia política, a qual busca compreender a condição humana num longo percurso histórico, que compreende da Antiguidade até a Modernidade.

A condição humana: enfatiza a importância da política como ação e como processo, dirigida à conquista da liberdade.

- Labor: sobrevivência do indivíduo e da espécie.
- Trabalho: produzir um mundo artificial de coisas - mundanidade.
- Ação: relacionamento entre pessoas – humanidade.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. A existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam

um amontoado de artigos incoerentes, um não mundo, se esses artigos não fossem condicionantes da existência humana.

A condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana.

Para Hannah, o homem só pode assumir a sua condição humana se exercer tudo o que é seu por direito, ou seja, se conjugar a **vita activa** e a **contemplativa**. A dissociação dessas duas esferas, que são humanas por excelência, nos mostra homens incapazes de agir e refletir, que produziram sociedades incapazes de agir e refletir, sociedades onde só se cumpriam ordens.



Anote aqui



Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.